



Misoginia e antipetismo em blogs jornalísticos da revista *Veja*: o caso Dilma Rousseff

Palavras-Chave: Referenciação discursiva, Blogs jornalísticos, Dilma Rousseff

Autores(as):

Victor Aparecido dos Reis Oliveira [IEL/UNICAMP]

Prof^a. Dr^a. Anna Christina Bentes da Silva (orientadora) [IEL/UNICAMP]

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma investigação de Iniciação Científica fundamentada em abordagens interdisciplinares dos estudos do texto (Koch, 2002; 2004). Investigamos os processos de referenciação discursiva construídos pela mídia hegemônica em torno de quatro (4) objetos de discurso, entre eles (i) a presidenta Dilma Rousseff, (ii) sua fala, (iii) seu governo, e (iv) o *impeachment* de 2016. Em um projeto anterior, já finalizado, coletamos e analisamos textos publicados entre 2010 e 2014. Desta vez, no projeto vigente, nosso foco se volta aos textos publicados entre 2015 e 2016, englobando todo o tempo em que a presidenta esteve no poder.

Nossa principal hipótese é a de que a mídia hegemônica exerceu um papel fundamental na legitimação do *impeachment* de Dilma Rousseff, conforme afirma Margarida Salomão (Daher, Medeiros, 2018), produzindo “um ambiente de desgaste, de erosão, inclusive uma erosão profundamente misógina da imagem da Dilma”. Para ampliar a compreensão sobre esse processo de erosão da imagem pública da primeira Presidenta do Brasil, escolhemos analisar textos jornalísticos que foram publicados e estão arquivados nos espaços virtuais regidos na década passada por dois significativos atores sociais contratados pela revista *Veja*.

Os objetivos por nós definidos são (i) analisar as estratégias textuais-discursivas performatizadas pelos jornalistas na ativação e manutenção dos objetos de discurso investigados; (ii) analisar como foram construídas as imagens para esses objetos a partir das (re)categorizações e das predicções sobre eles encontradas nos textos coletados; (iii) identificar os projetos temáticos (Ferreira-Silva, 2020) desenvolvidos a partir das publicações em colunas/blogs; (iv) traçar os quadros gerais de mudanças na construção das imagens ao longo do período investigado.

METODOLOGIA

Os textos que formam os *corpora* da investigação foram localizados e coletados com o uso de motores de busca. A busca focou primordialmente nas expressões utilizadas pelos jornalistas para se

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao reduzir Dilma com tamanha recorrência a um “neurônio solitário”, ou a apenas “um neurônio”, “meio neurônio” e/ou “neurônio nenhum”, entre tantas outras expressões, promovendo um tipo de categorização metafórica, ou ainda, caracterizando-a como se ela tivesse só um neurônio, promovendo um tipo de categorização metonímica, os jornalistas objetivaram produzir um estigma para Dilma Rousseff. Este é o estigma da “mulher sem razão” (Dantas, 2019), produzido a partir da sistemática e absoluta desqualificação de sua figura no espaço de poder político enquanto uma mulher que “não tem neurônios”, ou seja, uma pessoa desprovida de inteligência.

Um dos projetos temáticos estabelecidos para reforçar essa desqualificação é a própria fala de Dilma Rousseff, especialmente suas falas públicas produzidas como Presidenta da República. As publicações intituladas “neurônio” fazem uso de duas estratégias textuais-discursivas primordiais: (i) a circulação de pequenos recortes de falas de Dilma Rousseff acompanhado de comentários dos jornalistas que objetivam subverter (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007) os sentidos produzidos no contexto original da fala pública; e (ii) o uso coordenado, coletivo e colaborativo de descrições definidas (Koch, 2002; Koch, 2004) específicas para se referir de forma depreciativa a Dilma Rousseff, por exemplo “Neurônio + modificador” como títulos das publicações.

Vejamos como exemplo a primeira publicação deste tipo em 2010, quando Dilma Rousseff ainda ocupava o cargo de Ministra-chefe da Casa Civil, que foi intitulada “**Neurônio solitário**”²:

“Muitas vezes falam que sou durona. Na atividade que o presidente me deu, que era coordenar os programas de governo, não tem outro jeito. A sua função é passar o tempo todo cobrando, querendo saber por que não aconteceu, resolvendo problemas, correndo atrás. Isso não significa que você seja essa atividade. Eu não sou isso. Isso é um aspecto da minha vida”.

Dilma Rousseff, no Rio, deixando muito claro que, embora exerça **a atividade de sargentona**, ela não é essa atividade. (grifo nosso)

Naquele momento, Dilma Rousseff ainda chefiava a Casa-Civil. Enquanto Ministra, foi recategorizada como sargentona, ou ainda, como exercendo a “atividade de sargentona”. Ao produzir essa recategorização por meio da expressão referencial acima mencionada, o jornalista ironiza que essa seria uma “atividade”, retomando uma expressão que figura no texto original de Dilma, no qual a atividade era “coordenar os programas do governo”. O comentário do jornalista busca ressignificar o auto comentário que a Presidenta faz sobre si mesma. Dilma afirmou que para exercer a atividade para a qual foi designada, coordenar os programas de governo, ela tinha que ser mesmo “durona”, não tinha outro jeito.

Mas Dilma, ao dizer que “*isso não significa que você seja essa atividade*”, gerou uma atitude intencionalmente subversiva por parte do jornalista, que estrategicamente cria o objeto de discurso “atividade de sargentona”, enfocando tanto a característica pejorativa para uma chefe ou líder política, a de ser “durona”, como também ironizando a formulação dela que transforma em qualidade/predicativo uma expressão como “atividade”. Qualquer um com uma atitude compreensiva

² Esta expressão está muito presente em publicações encontradas na coluna, não apenas como títulos. Disponível em [VEJA](#). Consultado em 19.04.2025.

sabe que Dilma quis dizer que o fato de ela exercer a atividade de coordenar os programas e de cobrar resultados de forma exigente não reduz sua personalidade a esse tipo de característica, a de ser “durona”. Quando ela diz “*eu não sou isso*”, o pronome demonstrativo com função encapsuladora acompanhado da negação refere-se ao todo de sua subjetividade. A atitude subversiva do jornalista em relação ao dizer de Dilma tem apenas um objetivo: jogar luz sobre características negativas da então Ministra - “sargentona” e, no mínimo, “incoerente em relação aos seus modos de elaboração discursiva”. Vale chamar a atenção para o fato de que a representação de Dilma como “sargentona” se perde com o tempo, em especial após a definição de sua candidatura à Presidência da República pelo PT, restando atacar suas supostas incoerências. Por fim, a categorização metonímica de Dilma como tendo apenas um único neurônio, o que pode ser inferido pelo título do texto depois da leitura do comentário, indicia uma característica ainda mais pejorativa: a de mulher “burra”.

CONCLUSÕES

Os dados que encontramos/analizamos revelam que um dos focos, senão o principal, de desqualificação da Presidenta foi a sua fala. Uma conclusão a que podemos chegar é a de que as desqualificações de suas falas, por meio de comentários produzidos pelos jornalistas sobre recorte dessas falas, não podem ser consideradas como meros processos de recontextualização, incluindo a recontextualização dos objetos de discurso presentes nas falas originais.

Na verdade, a mera repetição dos objetos de discurso não assegura o processo de recontextualização. Bem ao contrário, os objetos de discurso comuns aos textos (ao texto fonte e ao texto do comentário) ancoram contextos completamente diferentes: de um lado, temos uma política, Dilma Rousseff, de mais idade, em vários momentos de sua trajetória, fazendo falas públicas, defendendo seus pontos de vista; de outro temos jornalistas homens, em sua maioria, que recortam os discursos da política para reenquadrá-los principalmente por meio de desqualificações morais diretas e indiretas daquela que fala. Não há argumentação e sim acusações. Não há recontextualização, mas o uso abusivo de um contexto para a construção de um outro que apenas desqualifica e busca destruir a imagem da personagem e o próprio contexto citado.

No entanto, afirmamos que há, ao longo do texto, *reframings*. Considerando que os *frames*/enquadres são desenvolvidos justamente quando da produção de atos de significação, e que são responsáveis pela organização de nossas experiências sociais, contribuindo para o modelamento de eventos e, conseqüentemente, das imagens dos atores sociais que dele fazem parte, as análises desenvolvidas sobre os exemplos acima já revelam o consistente modelamento sociocognitivo da personagem histórica Dilma Rousseff. Esse modelamento produz a sua inserção na categoria das mulheres burras (com um único neurônio ou com neurônios defeituosos, desonestos etc.) e, conseqüentemente, das mulheres incoerentes, loucas. A menção aos *corpora* construídos para a pesquisa que ainda está em andamento dá conta da força dessa violência verbal exercida sistematicamente por importantes atores do campo jornalístico.

Uma outra conclusão é a de que a produção textual investigada encontra-se incorporada a uma ordem social mais ampla, no caso, os campos jornalístico e político. Nesse sentido, é possível dizer que, pelo menos desde 2009, ou seja, há mais de 15 anos, as posições de poder e de influência nesses campos revelam-se explicitamente misóginas, exercendo sem nenhum pudor, a violência política de gênero em relação àquela que viria a ocupar o mais alto cargo do país.

Dentre o conjunto de valores e crenças que circulam nesses campos e que são parcial ou completamente partilhados com os seus interlocutores (sejam eles leitores ou não desses textos), há aqueles que permitem o exercício de expedientes discursivos responsáveis pela destruição dos sentidos e dos contextos sociais a que se referem.

BIBLIOGRAFIA

SANTOS, Jaqueline de A. **Agência de notícias Patrícia Galvão: uma abordagem textual-discursiva**. Campinas: UNICAMP, [s.n.], 2022. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2022. Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/4899>. Consultado em 15.06.2025.

DAHER, Del C.; MEDEIROS, Vanise G. **Entrevista com a Profª Drª Margarida Salomão**. Cadernos de Letras da UFF, v. 28, n. 57, p. 17-26, 26 dez. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2018n57a631>. Consultado em 21.07.2025.

DANTAS, Fernanda A. **“Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar”**. **Narrativas da mídia sobre a primeira presidenta do Brasil**. 151f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, BA, 2019. Disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29934>. Consultado em 30.11.2024.

ETULAIN, Inês. **Fúria feminista: análise do estilo linguístico-discursivo de uma colaboradora do blog QG Feminista**. Campinas: UNICAMP, [s.n.], 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2021. Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/2766>. Consultado em 15.06.2025.

FERREIRA-SILVA, Beatriz. **"Boas práticas" em exposições orais : organização textual-discursiva em amostras da fala pública liberal no Brasil recente**. 2020. 1 recurso online (285 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640551>. Consultado em 16.02 2025.

KOCH, Ingedore. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, Anna C.; CAVALCANTE, Mônica M.. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.